



PSICANÁLISE

Organizadoras

Katya de Azevedo Araújo

Raquel Moreno Garcia

Sofrimentos contemporâneos

Desafios à psicanálise

Blucher


Espaço Criar
Estudo e Atendimento
Clínico Psicanalítico

SOFRIMENTOS
CONTEMPORÂNEOS
Desafios à psicanálise

Organizadoras

Katya de Azevedo Araújo
Raquel Moreno Garcia

Sofrimentos contemporâneos: desafios à psicanálise

© 2024 Katya de Azevedo Araújo e Raquel Moreno Garcia (organizadoras)

Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Helena Miranda

Preparação do texto Maurício Katayama

Diagramação Thaís Pereira

Revisão de texto Lidiane Pedroso Gonçalves

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sofrimentos contemporâneos: desafios à
psicanálise / organização de Katya de Azevedo
Araújo, Raquel Moreno Garcia. - São Paulo :
Blucher, 2024.

p. 218
Bibliografia
ISBN 978-85-212-2198-2

1. Psicanálise I. Araújo, Katya de Azevedo II.
Garcia, Raquel Moreno

23-4871

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

1. Corpo estrangeiro, corpo estranho 9
Jacques André
2. Dissidências sexuais e identificações de gênero: um teste a partir da metapsicologia 27
Facundo Blestcher
3. Traumatismos, silêncios e inscrições simbolizantes: uma escuta psicanalítica na unidade de terapia intensiva neonatal 59
Ethel Cukierkorn Battikha

4. Desafios para a psicanálise do século XXI: na clínica,
na metapsicologia e na técnica 81
Norberto C. Marucco
5. Pulsão, gênero e pós-gênero: confrontos teóricos e
epistêmicos em psicanálise 107
Leticia Glocer Fiorini
6. A psicanálise antes, durante e depois da pandemia:
considerações técnicas 137
Gley P. Costa
7. A contemporaneidade da psicanálise: experiência,
autenticidade, presença e intervenção 147
Roberto Barberena Graña
8. Édipo intimidado: de profano a profanado 163
Ignácio A. Paim Filho
Magali Fischer
Maria Cristina Garcia Vasconcellos
Regina Pereira Klarmann
9. Por que a psicanálise para estudar o amor? 177
Ana Suy

10. Psicanálise na contemporaneidade: sobre negacionismos,
confusão de línguas e desresponsabilização 195
Daniel Kupermann
11. O pesadelo das percepções: um ensaio 207
Leonardo Adalberto Francischelli
- Sobre os autores 215

1. Corpo estrangeiro, corpo estranho¹

Jacques André

Duas sequências clínicas à guisa de introdução.

Indira é uma mulher jovem que vive entre duas culturas. Ela deixou a região de Pondicherry, sua terra natal, no final do ensino médio. É marcada tanto pela escola francesa e por sua educação universitária quanto por sua tradição familiar hinduísta. No que diz respeito ao amor, em contrapartida, não há divisão. Não que ela nunca tenha conhecido um homem indiano atraente, mas o simples pensamento de um ato sexual com tal homem lhe causa repulsa. Seu atual companheiro é francês, assim como os poucos parceiros anteriores.

Uma cena se repetiu várias vezes: quando Indira atravessa a soleira da porta do consultório, surge uma hesitação para saber quem fecharia a porta, ela ou eu. Certo dia, em um breve momento de confusão adicional, a dança da porta nos levou a passar mais perto um do outro do que o normal. No divã, Indira associou a respeito do incidente. Ela devia ter 5 ou 6 anos e passava muito tempo brincando

1 Tradução de Vanise Dresch.

com seu primo, um pouco mais velho que ela, sempre um tanto bruto, mas muito engraçado. Até o dia em que ele a perseguiu até o quarto, trancou a porta à chave e saltou em cima dela, tentando despi-la. O relato que ela faz da cena ainda traz os traços do medo e do prazer ignorado por ela mesma.

Intervenho: “Sou indiano quando fecho a porta?”

Essa interpretação, cuja violência subestimei, teve sobre Indira um efeito à altura desse momento alucinatório: ela teve um sobresalto – a palavra é fraca para descrever a descarga elétrica que a fez saltar do divã alguns centímetros.

*

Outra sequência. Perto de terminar a sessão, domingo, sentado na poltrona em frente a mim, fala sobre as modificações arquitetônicas que planeja fazer em seu apartamento. Para esse decorador de reconhecido talento, as considerações estéticas são o campo privilegiado onde o inconsciente busca suas metáforas. Tudo o que diz respeito ao seu *interior* é sobrecarregado de sentido, tanto que lhe foi necessário conquistar o seu próprio espaço, traçar claramente as fronteiras; construir um “lugar seu” e defendê-lo contra invasões é a história de sua vida. O gineceu da infância, um excesso de mulheres invasivas, uma mãe que nunca o largava e impediu o menino de “fechar a porta do quarto”. Ele compartilha muitos momentos de sua vida com seu companheiro, mas viverem juntos, nem pensar.

A principal modificação que ele planeja em sua reforma é a remoção de uma... Um lapsos lhe prega uma bela peça. O inconsciente é capaz de encurtar o caminho e chegar bruscamente à superfície. Em vez de dizer *mur porteur* [parede estrutural], Domingo diz *mère porteuse* [em francês, “mãe portadora” significa barriga solidária].²

2 No lapsos do paciente, atenta-se para o adjetivo *porteur/porteuse* (portador, portadora), aquilo que sustenta e carrega [N.T.].

Silêncio estupefato, a vacilação é perceptível... Domingo não é insensível ao humor, por mais mórbido que seja, mas seus lábios mal conseguem esboçar um sorriso.

Ele descruza as pernas, levanta-se para ir embora, mas tropeça com o pé de apoio, seu tornozelo dobra, sua perna não o sustenta mais; ele consegue finalmente se agarrar ao móvel ao lado... Por um triz, não caiu em meus braços, em meus braços que sustentam o *holding* da transferência ao pé da letra. Ele vai embora mancando. Com uma torção grave e uma leve fratura, Domingo vem às sessões, durante os dois meses seguintes, usando uma tala. “O que não pode ser alcançado voando, deve ser alcançado mancando.”³

*

Gostaríamos que as coisas tivessem essa simplicidade com mais frequência, quando nada mais distingue a pulsão de sua pressão, quando a carne da fantasia violenta o corpo sem cerimônia e deixamos de nos questionar sobre a natureza do começo – o verbo ou o ato? –, já que, desta vez, *um é o outro*. *Pulsão* é a melhor palavra de que dispomos para expressar a violência da irrupção inconsciente, quando *isso* é mais forte do que *eu*.

Daniel Widlöcher e Jean Laplanche compartilham uma mesma crítica à concepção freudiana da pulsão, precisamente no que diz respeito à definição da *fonte*, sintetizada na frase que se tornou um refrão: “A pulsão é um conceito fronteiro entre o psíquico e o somático”, ou seja, entre a “vida anímica” e o “lado biológico”. A pressão, o objeto e a meta, que são outros componentes da pulsão, certamente merecem discussão, mas não há nada em nossos autores que rompa com o pensamento de Freud; no que se refere à “fonte”, diferentemente, trata-se mais de uma ruptura do que de uma crítica. As palavras de Laplanche são as mais radicais, denunciando

3 Palavras tomadas emprestada por Freud de Friedrich Rückert, conforme *OCF-P XV* (p. 338), PUF, 1996 (tradução direta).

o “extravio biologizante” de Freud. Mas Widlöcher não fica para trás: “Sou contra o modelo biológico da pulsão, contra a definição de uma excitação física vinda de fora que se transmite à psique”. A violência alucinatória do sonho se exerce mesmo quando não há estímulo externo, violência que faz um sonhador acordar subitamente quando uma faca está prestes a ser cravada em suas costas, ou que faz uma mulher sentir um orgasmo em seu mais profundo ser e provoca em outra a produção de leite, a ponto de derramá-lo mesmo não estando grávida. Essa violência pulsional que perturba o corpo não tem outra fonte senão a força alucinatória do próprio sonho.

O que vale para o sonho também vale para a fantasia, mesmo que seja em menor grau alucinatório. “A fantasia inconsciente é uma atividade psíquica que é fonte de energia, é o que mobiliza. As fantasias são pressões internas de nossa imaginação que tentam se realizar.” Criticar a teoria da fonte biológica da pulsão “é devolver todo o peso econômico à dinâmica da fantasia: a fantasia é desejante, *primum movens*”, representação alucinada que busca se materializar.⁴ Laplanche diz a mesma coisa, embora o faça com outras palavras, e à fantasia (que já supõe modos complexos de ligação) ele prefere a ideia de um objeto-fonte, uma espécie de índice deixado pelo recalçamento, como um espinho irritativo fincado na carne. Note-se que, mesmo marginal, essa ideia não está ausente em Freud. Por exemplo, em maio de 1897, ao elaborar uma primeira teoria da força da fantasia que levou, alguns meses depois, ao abandono da *neurotica*, e quando falou dos *impulsos* (*Impulse* se não *Trieb*) “derivados das cenas originárias”.⁵ A representação (alucinação, fantasia, lembrança, traço, índice) não é aquilo a que uma energia somática livre, flutuante e sem qualidade se ligará; ao contrário, é

4 *Cent ans après*, (Entretiens avec Patrick Froté), Gallimard, 1998, pp. 310-11.

5 *Lettres à Wilhelm Fliess*, PUF, 2006, p. 303.

a sua fonte, a fonte da pressão e do eventual impacto corporal. É a queda da “mãe portadora”⁶ que fratura o tornozelo de Domingo.

A ideia de uma fonte biológica da pulsão permanece prisioneira do modelo genital da pressão pubertária, instintual e hormonal. Prisioneira de uma equação residual entre genital e sexual. Foi somente em 1924, confrontado com o enigma do masoquismo, que Freud mensurou plenamente sua própria descoberta, associando o prazer à tensão da excitação, e não mais ao modelo orgásmico da descarga. É o que Clémenceau, à sua maneira obscena, afirma: “O melhor do amor está em subir as escadas”. Na puberdade, não há, sem dúvida, imagem mais forte da distinção entre instinto e pulsão do que a violência pulsional da fantasia alucinatória anoréxica, capaz de bloquear, por sua ação exclusivamente, o processo hormonal em curso e interromper as transformações somáticas.

Não é difícil reconhecer que a vida pulsional pode tirar proveito da tensão instintual, da exigência da necessidade, qualquer que seja o instinto, incluindo, é claro, o genital pubertário. Também não é difícil reconhecer que a excitação pode tirar proveito da intensa inervação de certas zonas, especialmente a oral e a anal. Mas esse modelo logo atinge seu limite: o olho não é a fonte do voyeurismo, nem as nádegas a do masoquismo, mesmo que seja um começo. *A originalidade da psicanálise não se situa ali.* A sexualidade humana nasceu em dois tempos. O primeiro tempo, pré-histórico, corresponde ao momento em que sexualidade e reprodução se dissociam no ser humano, diferentemente do que ocorre em todos os outros primatas. Talvez date do mesmo período o advento da morte humana, quando o homem se preocupa com a morte de seus congêneres – preocupação desconhecida no mundo animal e nos seres humanos originários. Aqui, a prova pelo osso permite datar, de forma mais

6 Ver nota de tradução anterior [N.T.].

precisa, por volta de 400 mil anos, ou seja, no mesmo período em que se constituem a linguagem articulada e a atividade simbólica que ela possibilita. A sexualidade humana não é simplesmente um fato de linguagem, mas é inconcebível sem ela.

O segundo tempo sexual é freudiano e, desta vez, dissocia sexual e genital. Laplanche, assim como Widlöcher (e nós, como eles), fazem da sexualidade infantil, e, mais ainda, do infantilismo da sexualidade adulta, a principal descoberta psicanalítica. “Por mais desconcertante que possa parecer, deve-se levar em conta que algo na própria natureza da pulsão sexual não é propício à satisfação plena”.⁷ É impossível, nessa conhecida frase de Freud, substituir *pulsão* por *instinto*. Conhecemos os argumentos apresentados por Freud para justificar essa *estranheza* da pulsão: o recalçamento dos desejos infantis, notadamente os incestuosos, que instaura o deslocamento no cerne do objeto, e a dispersão da pulsão em pulsões parciais. Em outras palavras, o sal da experiência analítica. Empregada no singular na metapsicologia, a pulsão sempre se coloca, na prática, no plural, de forma parcial.

Uma vez descartada a biologia da fonte, onde entra o corpo nisso tudo? Onde começa e onde termina o corpo na psicanálise? As duas sequências clínicas apresentadas na introdução fazem parte dessa questão, a qual me levará a citar, mais adiante, Anzieu. O antagonismo tese contra tese logo encontra seus limites na psicanálise. O diálogo Laplanche–Widlöcher me servirá, contudo, de apoio para uma reflexão sobre o corpo na psicanálise. Um diálogo que se estabeleceu em três episódios: em 1984 (*A pulsão, para que serve?*), em 2000 (*Sexualidade infantil e apego*, em que os respectivos posicionamentos assumidos relativos à sexualidade infantil foram os mais acentuados), e em 2006 (*O objeto*). Esses dois homens gostavam de debater, principalmente entre si, mesmo que o tema de debate

7 Freud (1912/1998), p.139.

mais fecundo não tenha sido o “corpo”. Widlöcher, dessa vez, foi o mais radical: “Falamos demais do corpo na psicanálise... O corpo, nela, é justamente colocado entre parênteses. A psicanálise é feita para neutralizar o corpo, por assim dizer. Tanto pela posição deitada quanto pela fala”⁸ O corpo é tirado fora, porém, expulso pela porta, ele voltará pela janela, por aquela da somatização. Já estou antecipando aqui o que diz respeito à outra história.

No índice laplancheano, o *corpo* é sempre o “corpo estranho”, isto é, a metáfora freudiana para designar a alteridade do inconsciente, ainda que Freud hesite entre duas imagens, a do “corpo estranho” e aquela do “infiltrado nos tecidos”. Essas metáforas não deixam de ter efeitos *corporais*, no sentido literal neste caso. Se recorrermos ao verbo transitivo *étranger* [afastar, alhear], em desuso no francês, podemos dizer, como Stendhal o empregava, que a vida pulsional *alheia* o corpo. Primeiramente, o corpo sexual, é claro, desde o brochar até o priapismo, do vaginismo à impaciência ninfomaníaca; depois, o corpo sexual ignorado como tal, desde as mais loucas conversões de que a histeria é capaz até a obstinada retenção do obsessivo. Do dedão do pé do fetichista à cabeleira obscena escondida pelo *hijab* ou tosada pelo censor, esse corpo deve tudo à inscrição da fantasia na carne, tanto pelo prazer quanto pelo desprazer quando o recalçamento cria o sintoma. Esse corpo, carne da fantasia, é o de Indira. O estupro só é possível *in praesentia*, quando a intensidade da transferência beira o alucinatório.

O corpo psicanalítico é um corpo antropológico, tão datado quanto podem ser a sexualidade e a morte humanas, sendo tudo isso indissociável do nascimento da atividade simbólica possibilitada pela construção cerebral da linguagem articulada. Só que tudo isso não impede que o corpo biológico exista... Criticar a fonte biológica da pulsão é uma coisa – com a qual estou de pleno acordo –,

8 Donnet et al.(1998), p.312.

questionar, em sentido contrário, as modalidades segundo as quais a vida pulsional, sua desordem e sua fúria vêm perturbar a boa ordem biológica é outra coisa. O intrincamento psique-soma tem obscuridades que os corpos histéricos e obsessivos não possuem, notadamente porque a atividade simbólica torna-se muito confusa, até mesmo indistinguível.

O exemplo clínico que descreverei a seguir situa-se em um entremeio, onde reina uma confusão que faz com que já não saibamos bem de que corpo estamos falando.

Gustave fez uma primeira e longa análise. Foi a interrupção brutal desse tratamento, com as consequências dessa brutalidade, que o levou a consultar. Por diversas vezes, Gustave se sentiu maltratado, insultado, até mesmo usado por seu analista, que, ao final de uma sessão, foi capaz de lhe pedir para postar sua correspondência. Nada disso teria sido possível se o masoquismo de Gustave não tivesse se aproveitado da ocasião. Conhecendo também a reputação da analista em questão pelo seu temperamento, restava-me pouca dúvida de que o par transferencial havia feito sua parte. Até o insulto, a gota d'água que fez transbordar o copo, levando Gustave a finalmente fugir. Ele conta a cena: “Eu disse a ela que tinha problemas *ginecológicos* (a palavra é pronunciada sem que claramente ele a ouça)... Ela ficou furiosa e me respondeu que eu estava com gonorreia, que iria contaminar minha mulher, e terminou dizendo: ‘Vous êtes un *con!*’⁹ [Você é um *idiota!*]” Essa foi a palavra excessiva, a palavra que marcou o fim.

Um mês após a interrupção, Gustave desenvolveu uma retocolite ulcerativa, sintoma inexistente até então, cuja gravidade relativa

9 *Con* é uma palavra polissêmica e um substantivo trivial que, originariamente, designa a vulva humana. No sentido figurado, a palavra *con* também é uma palavra vulgar, geralmente usada como insulto nos países de língua francesa, podendo designar uma pessoa idiota, imbecil, estúpida, desagradável [N.T.].

não necessitou de hospitalização. Um ano depois, quase na data de aniversário do primeiro episódio, o sangramento se repetiu. Por força da retocolite, foi a Michel de M'Uzan, titular da Escola Psicossomática de Paris, que Gustave dirigiu a sua queixa. Após uma consulta, de M'Uzan o encaminhou para mim.

Gustave é um paciente psiconeurótico, indo, de vez em quando, além. Surpreendentemente, ele se parece mais com o Homem dos Ratos. Que analista suportaria, hoje, o Homem dos Ratos, sua extrema violência, perguntou-se Nathalie Zaltzman (ver o *Diário*). Não é por acaso que a primeira referência à contratransferência foi sucessiva ao final desse tratamento, no qual Freud ouviu os membros de sua família serem rebaixados, um por um, nos termos mais escatológicos possíveis. Reação contratransferencial, e Freud anota em seu *Diário*: “Dei-lhe o livro de Zola *A alegria de viver*”.

O psicanalista sempre corre o risco de subestimar a violência da coisa psíquica. Certo dia, Gustave chega à sessão com o rosto lívido, claramente abalado, e diz: “Logo antes de bater na porta, fui assaltado por três imagens: mijo na sua cara, prendo-o ao arame farpado, jogo-o na lata de lixo”. Em seus sonhos, um taco de beisebol desempenha mais ou menos o mesmo papel que o rato para o Homem dos Ratos. Sadismo, masoquismo, passividade, feminilidade, tudo isso servido na linguagem privilegiada da analidade, constituem o sal de nossas sessões. A sodomia é a passagem obrigatória de sua vida sexual. Um sonho, seu relato no divã, tão carregado de angústia quanto de excitação, e a violência da transferência desencadeiam uma nova crise de retocolite. Como o inconsciente não se interessa somente pelos significantes, mas também pelos significados, não é *con* [ver a nota da tradução na página anterior], mas *trou* [buraco, orifício] que, nesse sonho, tem uma carga tão libidinal quanto deletéria. A retocolite se manifestou pouco tempo depois da sessão, e foi a última crise e o fim do sintoma. Muito tempo depois, voltando a falar desse

episódio, Gustave a ele se refere como uma “crise de reforço”. Só se pode sodomizar e ser sodomizado, condensar o *con*, o *trou du cul* [o orifício anal] e o beisebol *in praesentia*.

Qual teoria para essa retocolite? Histeria de conversão, histeria arcaica enraizada nas relações precoces, no sentido de Joyce McDougall, desorganização psicossomática... A pergunta é mais interessante que a resposta. Da vulva [*con*] que sangra à representação cloacal do sexo feminino, passando pelo domínio do par passividade-masoquismo, não faltam elementos de sentido para situar o sintoma de Gustave na vertente da simbolização histórica. Não lhe faltam nem o imaginário nem a expressão dos afetos. Resta uma pergunta para a qual é difícil fornecer uma resposta definitiva: a crise seria produto da análise, do jogo entre transferência e contratransferência, do trauma provocado pela sedução sádica da analista, ou ela revelaria um lugar do corpo, digamos “arcaico”, que escapou ao processo de diferenciação dos tempos iniciais?

Como entender que Gustave tenha feito tantos anos de análise com essa mulher intratável e violenta? Ela deve tê-lo lembrado alguém. Seu reto lhe pertence mesmo ou ele faz parte desse “corpo para dois” do início da vida, referido por Joyce McDougall? A zona anal, com as trocas entre mãe e filho que dela se originam, é um lugar privilegiado da confusão inconsciente entre o cuidado e o sexual. A representação que se pode construir da vida psíquica de Gustave puxa para os dois sentidos. Por um lado, o tratamento psíquico, num cenário de sonhos, fantasias, associações, transferências e interpretações, vence o sintoma. Sua vida nada tem de operatório. Por outro lado, a crueza de suas fantasias, a nudez de seus afetos (o analista é idealizado num dia e noutra, preso ao arame farpado), a violência somática da retocolite evocam as modalidades de um

funcionamento psíquico primitivo e uma falha, no mínimo parcial, na transformação da irrupção pulsional.

A partir daí, podemos fazer duas construções teóricas, dois “Gustave” que são duas especulações, uma sob o signo de Widlöcher e a outra sob o signo de Laplanche, ambas na esteira do debate entre eles acerca de “sexualidade infantil e apego”. Para os dois autores, o *trauma precoce*, aquele que determina as modalidades posteriores da vida psíquica, é um trauma *exógeno*, exceto que o *exo*, o “fora”, tem significado diferente para cada um. Para Widlöcher, trata-se de deficiências, privações no terreno do apego ou do amor primário (a palavra de Balint preferível àquela de Bowlby). Laplanche, por sua vez, refere-se à intrusão da sexualidade infantil inconsciente do adulto próximo, a qual, independentemente do grau de ternura, compromete os gestos de cuidado. Ao beijar, acariciar, embalar e amamentar seu filho, a mãe o trata, inconscientemente, como “um objeto sexual propriamente dito”.

Essas duas teorias, como toda e qualquer teoria, aspiram à generalização, mas o “ser humano em geral” não existe, a não ser na filosofia. Quando Widlöcher aborda especificamente a clínica, aquela que permite ilustrar a relação do trauma com os fracassos do apego, ele se refere à “patologia limítrofe”, incluindo as “organizações perversas”. Quanto a Laplanche, mesmo que o paciente de referência não seja especificado, evidencia-se que se trata de um psiconeurótico – ou até mesmo de um histérico, uma vez que o paradigma da histeria e a forma que o recalçamento nela assume constituem a base do raciocínio.

O *outro* de Widlöcher é o adulto (a mãe, na maioria das vezes) do apego primário, ainda mais *outro* por não ser *good enough*. O *outro* de Laplanche é “o outro do outro”, o sexual inconsciente do ser

próximo, estruturalmente sedutor. As consequências para a “pulsão” são máximas: a palavra desaparece sob a pena de Widlöcher, que, na verdade, não precisa dela. Nos escritos de Laplanche, ao contrário, é a palavra do excesso incoercível do sexual infantil que nenhum tratamento psíquico, por mais bem-sucedido que seja, pode superar.

A primeira teoria constrói um “Gustave” maltratado, em quem a função autoerótica, lúdica, hedônica, traumatolítica da sexualidade infantil conseguiu apenas parcialmente metabolizar as falhas do amor primário. Como resultado, as fantasias permanecem pobres e cruas, a ambivalência é mal integrada, o recurso à identificação projetiva é transferencialmente muito frequente, e a somatização toma conta quando a psique não pode mais suportar.

A segunda teoria faz de “Gustave” um ser *pulsional* que, sobrecarregado pela efração da sexualidade inconsciente daquela que deveria “cuidar” dele (“vous êtes un *con*”), não encontra simbolização possível para o ataque traumático que sofreu a não ser pelo sangramento reto-cloacal, isto é, pela via somática obscura de uma passividade, de um masoquismo e de uma feminilidade primitiva.

Como pano de fundo dessas duas teorias, duas representações distintas da sexualidade infantil. “Considera-se geralmente que a sexualidade infantil é objeto de recalçamento. Isso é mesmo verdade?” Essa frase de Daniel Widlöcher, que dificilmente poderia ser mais clara, dá o tom de sua concepção, uma concepção que reivindica sua dimensão especulativa. A sexualidade infantil, segundo ele, é submetida ao princípio de prazer preliminar, ao contrário do modelo do orgasmo que, diz Widlöcher, “obstrui nossa compreensão”.

O prazer, no autoerotismo da sexualidade infantil, seria inicial e não terminal . . . A emergência do desejo coincidiria com o prazer . . . O jogo imaginativo alcança o ápice

do prazer na emergência da ação lúdica. Isso também aconteceria no sonho, assim como é evidente no chiste . . . Na economia do prazer da sexualidade infantil, ao contrário daquela da sexualidade genital, existiria uma coincidência temporal entre o surgimento da fantasia e sua satisfação.

Paro por aqui a apresentação dessa teoria tão *hedônica* da sexualidade infantil, que deve quase tudo à combinação da imaginação com a memória e “à capacidade de ilusão da psique humana”. Excluídos, portanto, o recalçamento e a parte selvagem do sexual infantil. Como compreender, então, as manifestações psicopatológicas? Por uma *clivagem* entre o registro do apego e aquele do autoerotismo infantil que atenta contra suas próprias virtudes traumatolíticas transformadoras. Em vez da criação fantasmática, encontramos autoerotismos pobres e compulsivos. Isso se aproxima do que Gérard Szwec chamou de *procedimentos autocalmantes*, quando a psique está no limite de sua capacidade e ameaçada de desorganização somática.

Com as noções de tradução e de simbolização, Laplanche está longe de ser indiferente quanto ao prazer da criança hermeneuta em dar sentido ao enigma do sexual. No entanto, sua originalidade teórica privilegia o outro polo, o do recalçamento, do desligamento, a ponto de levar ao extremo a alteridade do inconsciente, um “império do desligado” onde praticamente só se encontram significantes designificados, como o *con* de Gustave. Mais do que ao hedonismo da sexualidade infantil, Laplanche dá ênfase à sua face deletéria, destrutiva, a ponto de se tornar uma “pulsão sexual de morte”, da qual a retocolite de Gustave pode servir de ilustração. Laplanche gostava de lembrar que esse sexual mortífero tem seu manifesto no opúsculo de Sade: “Franceses, só mais um esforço para serem republicanos!”. Ou seja, o que advém do corpo social quando se

soltam as rédeas da vida pulsional. A tão incestuosa frase “é proibido proibir” torna-se, mais tarde, o eco disso.

A sexualidade infantil a partir de Laplanche é tão traumática quanto é traumatológica segundo Widlöcher. Para além dessas divergências, nossos dois autores concordam, em certa medida, quanto à teorização do tratamento psíquico oferecido pela análise. Para ambos, a sexualidade infantil não é simplesmente o objeto privilegiado da análise, sendo também sua força motriz, seu vetor. Mesmo que, aqui, novamente, a ênfase de cada um não recaia sobre o mesmo ponto. O hedonismo de Widlöcher o leva a escrever: “Em certos momentos do tratamento, o trabalho associativo é idêntico ao do sonho. E, em ambos os casos, há produção de um prazer psíquico que deve ser tido como um gozo sexual infantil”.

O mecanismo de produção da satisfação psíquica autoerótica é, em parte, estimulado pela presença e pelo pensamento do psicanalista. Este, através de sua escuta, de sua atividade associativa e de suas interpretações, abre a atividade associativa do analisando para esses processos de ligação-desligamento que permitem o desenvolvimento de uma atividade autoerótica ligada aos conflitos intrapsíquicos do sujeito.

Para Laplanche, a possível eficácia do tratamento analítico, aquele que, nas palavras de Freud, permite que o paciente se torne, se não outro humano, pelo menos “o que ele poderia ter se tornado na melhor das hipóteses”, é uma ação que repousa no decalque entre o dispositivo do tratamento analítico e o confronto primitivo com o enigma sexual do outro. Se a análise, sua assimetria, permite reabrir o que o recalçamento fechou obstinadamente, é porque ela atualiza a situação da sedução originária, notadamente induzindo o amor

de transferência por meio de uma proposta indecente: “Diga o que lhe vier à cabeça, sem evitar nada...”.

Embora a palavra plasticidade não seja frequente na escrita dos dois autores, é disso que se trata. Freud: “As pulsões sexuais nos impressionam por sua plasticidade, pela capacidade de mudar suas metas, pela faculdade de se fazerem representar, na medida em que uma satisfação pulsional pode ser substituída por outra, e por sua faculdade de serem adiadas”.¹⁰ O exercício dessa plasticidade sexual, o que a transferência significa, certamente corre o risco de afundar na repetição, mas ocorre que é dessa mesma fonte que vem a esperança de mudança. E a primeira marca da mudança na análise se deve, sem dúvida, menos a uma variação dos conteúdos do que a uma modificação da economia psíquica.

Horace é um jovem cirurgião, especialista em “entranhas”, como ele mesmo faz questão de definir. Todos os dias, talha no intestino delgado. Em cada sessão, também, expõe as vísceras e não esconde de quem o escuta nenhum detalhe sangrento da sala de cirurgia. A sexualidade infantil, nele, obedece ao mesmo regime, o das fantasias cruas e rudimentares, dos sonhos sem onirismo e de uma vida sexual com ares de sala de plantão. Ele teve um sonho: em cima de uma cama com sua irmã, eles dormem juntos. Ponto. Dois ou três anos mais tarde, quando a sedução, diz Laplanche, ou o co-pensamento, diz Widlöcher, já fez sua obra transformadora, Horácio sonha de novo. O conteúdo é o mesmo, o amor incestuoso pela irmã, mas é a forma onírica que traz a marca da mudança psíquica. Ele e sua irmã embarcam em um barco à vela, como muitas vezes fizeram na adolescência, para o mais intenso dos prazeres compartilhados. Ele segura o leme, ela puxa a vela de um esquife tipo “caravela”. A deriva das associações nos levará à descoberta da América, *terra incognita*. Mas o mar se agita, o sonho se transforma em pesadelo,

10 Freud (1933/1984), p.132.

e Horace acorda assustado no momento em que o barco está prestes a colidir em uma rocha.

Pulsional bruto ou plasticidade pulsional. As reflexões de Anzieu são possivelmente úteis para lançar luz sobre esses dois destinos pulsionais. “Não há pulsão sem constituição de um eu-pele.” Essa frase dá o tom de sua contribuição. *Isso* é certamente mais forte do que *eu*. No entanto, a construção deste último, suas capacidades de metabolização (e não apenas de recalçamento) da pressão pulsional, desempenham um papel decisivo nos dois destinos mencionados. Pode-se imaginar que a pulsão e o Eu *tomam corpo* ao mesmo tempo. “A psique é corporal, nada sabe a respeito.” Essa declinação da assertiva freudiana (“A psique é estendida, nada sabe a respeito”), proposta por Françoise Coblence, vale tanto para o Eu quanto para o Id, pelo menos no início. Sabe-se quanto o processo de identificação deve ao modelo da ingestão-incorporação, o mecanismo de projeção, à expulsão das fezes, a delimitação do próprio corpo, à retenção destas, a diferenciação entre dentro e fora, ao envelope da pele... Esse primeiro Eu não se constrói por si só. Ele é indissociável do investimento, pelo ambiente humano próximo, das principais funções: respirar, digerir, defecar, dormir... São essas mesmas funções que constituirão mais tarde o terreno das graves desordens psicossomáticas, quando a pulsão, tendo perdido seu objeto e sua meta, aproxima-se de uma simples quantidade desligada. *Nem* todo mundo *sabe* comer, respirar, defecar, dormir.

O Eu é um ser fronteiro, o sítio da análise também, onde a expressão pulsional, seu ato, é limitado ao ato da fala. A plasticidade pulsional, aquela que permite deslocar-se dentro de si mesmo, que dá acesso a uma possível mudança psíquica, é ameaçada tanto pelas fronteiras rígidas de um Eu que não quer ouvir nada quanto pelas fronteiras pisoteadas de um Eu aos pedaços. A pulsão precisa de uma “parede estrutural” para ganhar impulso. Quando essa “parede”

desmorona, a queda é iminente, às vezes no sentido literal e no sentido figurativo.

*


Isso nunca é isso foi o primeiro título em que pensei. O corpo determinou outro. Mas o tema sugerido por esse primeiro título é o pano de fundo do meu argumento. A frase de Freud (1912/1998) já citada (“... algo na própria natureza da pulsão sexual não é propício à satisfação plena”, p. 139) pode ser compreendida pelo menos de duas maneiras: pelo lado da falta, da discrepância irreduzível entre o desejo e a sua realização; e pelo lado do excesso, o de um prazer que nunca renuncia à sua tensão, mesmo que isso signifique deslocar-se de um objeto a outro, até mesmo de uma meta a outra, quando a vida pulsional é posta a serviço da sublimação. Não é a falta *ou* o excesso, essas duas vertentes da pulsão são como frente e verso de uma mesma folha.

De certa forma, isso também vale para o par traumático/traumatolítico. Há pelo menos um momento na obra de Freud em que se encontram reunidos a fonte-sedução da pulsão e o hedonismo da vida pulsional. O abandono da *neurotica* libera, de certa maneira, a sedução de sua atribuição unicamente à psicogênese da histeria. Ao pai, vil sedutor, sucede a mãe do amor e do cuidado, aquela que, protegida pelo recalçamento, oferece ao filho um amor que “possui a natureza de uma relação amorosa que satisfaz plenamente”. Por certo, a neurose ou a insaciabilidade pulsional podem ser os destinos dessa transmissão inconsciente do sexual infantil, mas há outra saída: nada de grande se faz na existência sem uma “necessidade sexual energética”. É à pulsão, é àquilo a que ela “compele o indivíduo” que se devem as maiores “realizações éticas e psíquicas”.¹¹

11 Freud (1905/1987), p.166.

Referências bibliográficas

- Donnet, J-L., Green, A., Laplanche, J., Lavie, J-C, McDougall, J., de M'Uzan, M., Pontalis, J.-B; Valabrega, J.-P., & Widlöcher, D. (1998). *Cent ans après: entretiens avec Patrick Froté*. Gallimard.
- Freud, S. (1984). Angoisse et vie pulsionnelle. In S. Freud., *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*. Gallimard. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1987). *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Gallimard. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1998). *Du rabaissement généralisé de la vie amoureuse*. (OCF-P, Vol. XI, p. 139). PUF. (Trabalho original publicado em 1912).



Este livro compila textos de psicanalistas que se debruçam sobre o tema da atualidade. Os sofrimentos se apresentam de diversas formas, as manifestações são complexas e cabe à psicanálise dar sentido ao que muitas vezes se mostra sem sentido. As mudanças que ocorrem na cultura vão modificando o cenário, que se apresenta por meio do inominável, do estranho que nos habita. O *setting* analítico muda sua configuração durante o traumático de uma época pandêmica. A partir disso, como preservar o método? Quais flexibilizações são possíveis sem infringir os fundamentos psicanalíticos? As intervenções, interpretações, diante de cada estrutura psíquica, procuram uma sintonia mais aproximada entre a dupla analista-analisando, em busca da atenuação da dor humana.

O desencontro do corpo biológico e do pulsional é assunto também abordado nesta obra, que se propõe a ressaltar a importância das identificações do narcisismo, da presença do terceiro, da recusa e suas reverberações na constituição do psíquico.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2198-2



9 788521 221982



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Sofrimentos contemporâneos

Desafios à psicanálise

Katya de Azevedo Araújo, Raquel Moreno Garcia

ISBN: 9788521221982

Páginas: 220

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
